

LITERATURA E MODERNIDADE: O CINEMATÓGRAFO DE JOÃO DO RIO

Camila de Souza Barros da Silva (UERJ)
camilasb3@gmail.com

Se a modernidade tem como efeito a crise do sujeito moderno, se ela faz ruir valores e tem como consequência a crise da representatividade e o rompimento com antigas tradições que regiam nossa percepção de mundo, o trabalho propõe refletir como isso afeta a escrita dos literatos no início do século XX; período marcado por uma grande tensão que é consequência das grandes transformações em todos os âmbitos da sociedade daquela época. Partiremos então da análise das crônicas da coletânea *Cinematógrafo* (1909) do escritor carioca João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto), que tendo como tema em suas crônicas a cidade do Rio de Janeiro, a experiência urbana e as transformações que ocorreram em decorrência das reformas na cidade, apresenta um intenso diálogo com o surgimento do cinema, a fotografia, a velocidade, a imprensa e os diversos aspectos do que testemunhou no processo de modernização do espaço urbano carioca. Os recursos estéticos presentes na sua obra se apresentam por meio de simultaneidade temporal através das sucessividades de emoções narradas, percepção em *flashes* das cenas do cotidiano urbano, ideia de movimento na narrativa e apresentação de temas relacionados à velocidade e ao moderno. As crônicas do *Cinematógrafo* de João do Rio, além de trazerem um panorama da tensão causada pela modernidade, vão mostrar como esse processo e o diálogo com a experiência urbana afetou a escrita do cronista. Pretende-se analisar também como se manifestam em sua obra as tensões entre antigo e moderno, novo e arcaico. Esta pesquisa vincula-se ao LABELLE, Laboratório de estudos de literatura e cultura da *Belle Époque*.

Palavras-chave: Crônica. Modernidade. João do Rio.